



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

### **Os debates e conflitos em torno da prostituição feminina: políticas sexuais e morais em disputa.**

**Autora: Ana Carolina Braga Azevedo.**

**2º semestre/2019**

#### **Roteiro de Atividades Didáticas (6 aulas de 50 minutos)**

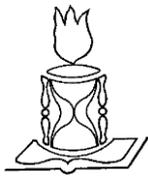
É importante lembrar que as atividades, as etapas e as formas de aplicação propostas neste roteiro podem ser adaptadas à realidade da escola e da classe. Embora sejam pensadas para as aulas de sociologia, podem também ser aplicadas de maneira conjunta com outras disciplinas como um grande projeto interdisciplinar, como, por exemplo, com as disciplinas de Filosofia e de Redação/Português. Entretanto, a priori, elas foram pensadas para serem desenvolvidas nas aulas de Sociologia com alunas(os) de qualquer série do Ensino Médio.

**Público alvo:** estudantes de qualquer série do Ensino Médio.

**Material requerido:** lousa, computador/projetor, cartões impressos com textos e dados.

**Avaliações para o roteiro de atividades:** seminários, exercício de escrita e uma dissertação.

**Objetivos:** esse conjunto de cinco aulas tem como intuito discutir o tema da prostituição feminina, tanto no âmbito internacional quanto no nacional, a partir das controvérsias e “tabus” que esse tema produz. Para abordar essas controvérsias e “tabus”, sugiro que a primeira aula seja apenas para discutir a temática a partir do que os alunos trouxeram para a discussão. Após esse primeiro momento, sugiro que o docente trabalhe com a temática a partir dos modelos legais existentes no mundo (tanto os que regulam quanto os que proíbem a prostituição). Nesse segundo momento, o objetivo central é que o docente tente trazer os prós e contras de cada um dos modelos, para assim, fazer um balanço, em



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

conjunto com os alunos sobre quais são os ou qual é o modelo(s) que de fato trata a prostituta como uma pessoa dotada de “agência”. Após esse segundo momento, sugiro que o docente aborde o contexto brasileiro, trazendo as diferentes perspectivas que estão em disputa no cenário atual, para assim, finalizar o conjunto de aulas com uma dissertação final sobre a prostituição no Brasil.

### **AULA 1**

#### **Introdução ao tema:**

#### **Pensando prostituição: primeiros olhares**

A primeira atividade desse roteiro consiste em abrir uma breve discussão sobre o grande tema da prostituição. Para isso, sugiro que o docente abra a discussão a partir das seguintes questões: (1) *vocês acham que a prostituição deve ser considerada uma profissão como outra qualquer?* (2) *quando vocês pensam nisso, quais são as primeiras associações que vem à mente?* (3) *no imaginário de vocês, quem é essa pessoa que se prostitui?*

Para isso, seria interessante fazer uma “nuvem de ideias” na lousa da sala de aula e ir inserindo as primeiras opiniões/considerações dos estudantes acerca da temática. Após esse primeiro passo, seria interessante também distribuir o texto abaixo e passar algum documentário curto ou um conjunto de pequenos vídeos que traga algumas das possíveis respostas para essas perguntas.

Por último, recomendo que o docente volte à “nuvem de ideias” e reelabore em conjunto com as alunas(os) as considerações feitas anteriormente. Nesse momento da aula, é importante que o docente questione e pergunte para as alunas(os) quais das opiniões postas no quadro refletem “preconceitos”, ou seja, quais das opiniões e argumentos estão permeados por moralidades e “tabus” socialmente construídos.

#### **Texto de apoio (distribuir para os alunos)**

Prostituição: “profissão mais antiga do mundo”



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

Tida como a “profissão mais antiga do mundo”, a prostituição está inserida no contexto de todas as sociedades, ocidentais e orientais desde os tempos mais remotos.

Odiadas, amadas, necessárias, regulamentadas por alguns governos, controlada por outros e seus serviços de saúde, resgatadas por religiões por uma vida digna, perseguidas ou glamourizadas em belas cenas no cinema americano, as prostitutas atravessam os séculos exercendo sua profissão, passando por cima de preconceitos, discriminações, violências e agressões que partem de todos os lados.

Com o advento da Aids nos anos 80, a ira social contra as prostitutas renasceu com força total, e ao lado dos homossexuais masculinos e usuários de drogas, elas foram transformadas em responsáveis pelo alastramento da doença, e por propagar o vírus HIV indiscriminadamente entre os homens que buscavam o “prazer pago”.

Na Europa, os usuários de drogas; nos Estados Unidos, os homens gays; no resto do mundo, e principalmente nos países mais pobres, as prostitutas: rápido como surgiram os primeiros casos, encontrou-se mundo afora os “culpados” pelo que viria a ser uma epidemia.

Muito rapidamente, as estatísticas começaram a dar conta de que estes grupos, longe de ser “de risco”, são os menos atingidos pela epidemia, graças também a terem sido tão culpados e discriminados anos atrás. Assim, o que vemos atualmente são grupos cada vez mais conscientes e auto organizados, buscando seus próprios caminhos para novas relações sociais, em todos os níveis.

Muitos dos mitos acerca da prostituição permanecem e vão permanecer até o fim dos tempos, mas as conquistas adquiridas não têm preço, e estão em crescimento constante, seja com projetos, encontros, novos grupos que surgem, e políticas específicas voltadas para estas populações.

Fonte: <https://ongmaria.wordpress.com/estatisticas/>

### **Documentário de apoio**

O documentário "69 Praça da Luz", dirigido por Carolina Markowicz e Joana Galvão, traz de forma simples e divertida alguns depoimentos/narrativas/histórias de vida de seis prostitutas que fazem programa na Praça da Luz:

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=Lyla4\\_RRs-w](https://www.youtube.com/watch?v=Lyla4_RRs-w)

### **AULA 2 e 3**



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

### Modelos legais

Após o tema da prostituição ser introduzido em linhas gerais, sugiro duas aulas expositivas para falar sobre os quatro modelos legais nos quais se enquadra a prostituição no mundo: regulamentarista, proibicionista, abolicionista e trabalhista.

O objetivo dessas aulas é problematizar os quatro modelos: (1) trazendo os argumentos que fundam esses modelos; (2) as implicações reais para aquelas(es) que se prostituem; (3) e para aquelas(es) que se utilizam desses serviços.

- (1) Regulamentarista: esse modelo pressupõe que a prostituta deve ser controlada para servir, da melhor forma possível, seu papel social, pois se considera que a presença da prostituta é necessária para o perfeito equilíbrio social. A regulamentação se caracteriza pela tolerância oficial do Estado, que considera a prostituição um “mal necessário”. Segundo Jo Doezema (2000), para controlar a prostituição, o Estado licencia bordéis, nos quais as prostitutas estão sujeitas a várias formas de regulação, tais como exames médicos forçados, e delimita áreas de trabalho, as conhecidas zonas de tolerância (Strack, 2002). Esta postura é assumida em países como Alemanha, Grécia, Nova Zelândia e parte da Austrália, nos quais a prostituição é permitida e regulada pelo Estado.
- (2) Proibicionista: esse modelo é adotado por países como os Estados Unidos (com exceção do estado de Nevada), Arábia Saudita e Tailândia. Neste modelo a prostituição é ilegal e se considera criminoso tanto quem vende como quem paga por serviços sexuais. Segundo a antropóloga Adriana Piscitelli (2007), isto tende a conduzir as prostitutas a uma dependência total de terceiros, devido ao grau extremo de ilegalidade concedido à prostituição.
- (3) Abolicionista: nesse modelo a ilegalidade recai sobre terceiros, como proxenetas e proprietários de bordéis, que organizam e se beneficiam da prostituição. Com isso, a atividade se torna ilegal na prática. E como



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

consequência, este modelo acaba situando as prostitutas em um estado de ambivalência legal: podem trabalhar, mas seu trabalho permanece no âmbito do proibido, como observa Piscitelli (2007). Este modelo é o mais difundido entre os países da União Europeia e na América do Sul, como Brasil e Argentina.

- (4) Trabalhista: esse modelo tem como foco central os direitos laborais e as condições de trabalho. Reivindica-se o reconhecimento do trabalho do sexo como atividade legítima e a despenalização dos diversos aspectos da prostituição, exigindo-se que ela seja regulada por leis civis e laborais e não por leis penais (Piscitelli, 2007). São necessários, pois, leis que regulem as relações entre empregados e empregadores, esclarecendo que se trata de regular a prostituição e não as prostitutas (Chapkis, 1997). A Holanda é um exemplo de país no modelo trabalhista, pois aplica a despenalização. Nesse país, foi aprovada uma lei, em outubro de 2000, que tirou a prostituição do âmbito delitivo, passando a ser penalizado apenas o engano ou a coerção (Piscitelli, 2007).

É importante o docente salientar, ao longo dessas duas aulas, que as escolhas por um modelo ou outro são também influenciadas diretamente pelo contexto social, político e religioso de cada sociedade (Estado), pois falar sobre “prostituição” é mobilizar opiniões, “tabus”, sentimentos e experiências, muitas vezes difíceis, nas sociedades como um todo; além de marcar como cada sociedade pensa e regula a sexualidade.

Após o término dessas aulas mais teóricas, sugiro que o docente proponha uma aula apenas para a realização de seminários. A proposta sugerida é: dividir a sala em quatro grupos e pedir que cada grupo represente um dos modelos.

Depois dessa divisão, seria interessante também sugerir que cada um dos grupos escolha um país para representar o tal modelo. Após a escolha, será necessário que cada grupo faça uma subdivisão interna para que alguns membros possam cuidar da pesquisa e outros apresentarem em sala de aula o resultado dessas pesquisas.



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

Para o seminário e discussão posterior, será necessário que as(os) alunos pesquisem (1) as leis e projetos de leis em disputa em torno da prostituição (pensando nas legalidades e ilegalidades); (2) elementos culturais da sociedade (*quais são os elementos culturais dessa sociedade que podem estar relacionados com a forma com que o estado regula ou proíbe a prostituição?*); (3) relatos de pessoas que se prostituem nesses países, pode ser através de matérias jornalísticas ou vídeos que tragam fragmentos desses relatos; (4) números estatísticos sobre a prostituição nesses países. (Observação: o país não pode ser o Brasil).

### **Textos de apoio para o docente:**

DOEZEMA, J. Loose women or Lost women? The re-emergence of myth of “white slavery” in contemporary discourses of “trafficking in women”. In: *Gender Issues*, vol.18, n.1, p. 23-50, 2000.

PISCITELLI, Adriana. Prostituição e trabalho. In: *Transformando a relação trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade*. Organizadoras: COSTA, Albertina; SOARES, Vera Lúcia et al. São Paulo, pp. 183-195, 2007.

SKACKAUSKAS, Andreia Vaz de Mello. A construção da prostituta em sujeito político de direitos na luta contra a AIDS. *Temáticas*. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais, Campinas, IFCH-Unicamp, n. 40, ano 20, p.15-36, ago/dez2012.

STRACK, Friederike. Nova lei confunde alemãs. In: *Jornal Beijo da Rua*, Rio de Janeiro, p. 4, abr. 2002.

## **AULA 4**

### **Seminários sobre os modelos legais**

As instruções para a atividade foram dadas nas aulas anteriores (aula 2 e 3), nessa aula, será preciso criar um ambiente em que as apresentações se tornem espaços para o debate também. Aqui o docente será responsável por direcionar a discussão pensando nos prós e contras de cada sistema, principalmente para aquelas(es) que exercem a



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

prostituição nesses lugares (por isso a importância da pesquisa anterior que será feita pelos alunos).

### **AULA 5 e 6**

#### **Prostituição no Brasil**

Essas duas últimas aulas têm como objetivo fechar as discussões que foram feitas anteriormente, assim, proponho que o docente faça isso a partir do caso brasileiro. Sugiro que a primeira aula seja mais expositiva, e que o docente traga o caso brasileiro de forma mais aprofundada, pensando tanto no modelo legal que regulamenta a prostituição no Brasil quanto nas disputas políticas e morais produzidas e debatidas nos últimos anos por diversos setores - inclusive a própria militância das trabalhadoras e trabalhadores sexuais.

Após esse momento de exposição e debate posterior, sugiro que a segunda aula, seja destinada para o docente apresentar a proposta de avaliação final. A dissertação final terá como temática pensar o caso brasileiro (abolicionismo e discussões presentes na arena política atual). Sendo assim, essa aula será destinada para as alunas(os) discutirem em grupos de até 4 pessoas os textos de apoio que serão disponibilizados para o trabalho final.

#### **Textos de apoio para o docente:**

BLANCHETTE, Thaddeus e SILVA, Ana Paula de. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. *Cadernos Pagu*, nº 50, 2017.

BONOMI, Carolina de Menezes Guerra. Mulher da Vida, É Preciso Falar: um estudo do movimento organizado de trabalhadoras sexuais. Campinas: Dissertação de Mestrado em Ciência Política, IFCH, Universidade Estadual de Capinas, 2019.

LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. Editora Hoo, 2016.

PISCITELLI, Adriana. “Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil”. In: cadernos pagu, Campinas, 2014.

OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir puta*. Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

SKACKAUSKAS, Andreia Vaz de Mello. A construção da prostituta em sujeito político de direitos na luta contra a AIDS. *Temáticas*. Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais, Campinas, IFCH-Unicamp, n. 40, ano 20, p.15-36, ago/dez2012.

### **Podcast de apoio para o docente:**

Sugiro o podcast da pesquisadora Letícia Barreto sobre o Movimento Organizado de Prostitutas, episódio 19 no Larvas Incendiadas (podcast maravilhoso produzido por professoras(es) e alunas(os) do PAGU-UNICAMP). Letícia Barreto em seu doutorado resgata e sistematiza a história do movimento de prostitutas de Belo Horizonte e do Brasil, bem como o conhecimento produzido sobre a prática do trabalho sexual, além disso, ela faz uma imersão incrível e analisa as diferentes relações entre feminismos e prostituição que emergiram no decorrer da pesquisa:

Fonte: <https://open.spotify.com/episode/2QdeHV2yzV08RPXslf1P1r?si=i3cexlgJTPSKtN4MD4RRAw>

### **Proposta de avaliação final:**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo desse conjunto de aulas, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: prostituição no Brasil. Sua redação deve apresentar proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Atente-se para o número mínimo de 20 linhas e máximo de 30 para desenvolver suas ideias.



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

### **Texto 1 de apoio para os alunos:**

A maioria dos países, como o Brasil, adota o Abolicionismo. Por esta visão, a prostituta é uma vítima e só exerce a atividade por coação de um terceiro, o “explorador” ou “agenciador”, que receberia parte dos lucros obtidos pelo profissional do sexo (como se todos os padrões não recebessem). Por isso, a legislação abolicionista pune o dono ou gerente de casa de prostituição e não a prostituta.

Nesse sistema, quem está na ilegalidade é o empresário, ou patrão, e não há qualquer proibição em relação a alguém negociar sexo e fantasia sexual. A corrupção fica facilitada neste caso. O Brasil adota esse sistema desde 1942, quando entrou em vigor o atual e antiquado Código Penal, em reforma há mais de cinco anos.

**Fonte:** [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=5233](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233)

### **Texto 2 de apoio para os alunos:**

De acordo com a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), calcula-se que o Brasil tenha cerca de 1,5 milhões de pessoas, entre homens, mulheres e travestis que vivem em situação de prostituição. A pesquisa revela que 28% das mulheres estão desempregadas e 55% necessitam ganhar mais para ajudar no sustento da família.

Segundo dados da FUMEC, 59% são chefes de família e devem sustentar sozinhas os filhos, 45,6% tem o primeiro grau de estudos e 24,3% não concluíram o Ensino Médio. Logo, elas apresentam um baixo nível de escolaridade, o que significa que quase 70% das mulheres prostitutas não têm uma profissionalização.

Já outro estudo, feito pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) de Portugal, apontou que as mulheres brasileiras que se prostituem no país lusitano são maiores de idade, não possuem antecedentes nesta atividade no Brasil, têm um curso médio ou superior, são caucasianas, prostituem-se por motivos financeiros, e chegaram ao país por sua própria conta – e não inseridas em redes de tráfico de pessoas.



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Quase todas as mulheres consultadas (98%) não se consideram vítima do tráfico humano. Destas, 80% responderam terem chegado a Portugal por iniciativa própria e 16,8% afirmaram terem sido convidadas ou aliciadas por familiares, amigos ou outros.

### Texto 3 de apoio para os alunos:



Fonte: <https://grupodeestudostrabalhosexual.files.wordpress.com/2012/09/tira-laerte-1.png>

### Texto 4 de apoio para os alunos:

#### Carta de Princípios da RBP

##### Carta de Princípios da Rede Brasileira de Prostitutas

A Rede considera a prostituição uma profissão, desde que exercida por maiores de 18 anos.

##### **A Rede é contra:**

a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, em consonância com a legislação brasileira.

##### **A Rede repudia:**

a vitimização das prostitutas;  
o controle sanitário de prostitutas;  
e combate a criação e a existência de zonas delimitadas e confinadas;  
combate a criminalização dos clientes;  
o oferecimento de exames e outros procedimentos médicos nos locais em que se exerce a prostituição, a não ser em casos que envolvam a população em geral;  
que se associe a prostitutas com a criminalidade;  
o tráfico de seres humanos.

##### **A Rede defende:**

a regulamentação do trabalho da prostituta;



## Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

---

e promove a auto-organização das prostitutas;  
promove o acesso aos insumos de prevenção de DST/Aids;  
o acesso aos serviços de saúde integral;  
o direito de migração para o trabalho legal;  
que o trabalho sexual é um direito sexual;  
que as prostitutas se assumam como prostitutas/putas em todos os espaços.

**A Rede combate:**

a discriminação, o preconceito e o estigma dirigido às prostitutas.

**A Rede atua:**

em parcerias nos cenários nacional, regional e internacional com outras redes de prostitutas e aliados.

**A Rede vê:**

o turismo sexual como uma forma de trabalho para maiores de 18 anos.

**A Rede entende:**

que a prostituta não vende o seu corpo. Ela presta serviços sexuais.

### **Texto 5 de apoio para os alunos:**

#### **Definição proposta pela Rede Brasileira de Prostitutas**

##### **o que é prostituição?**

Prostituição envolve práticas, relações, desejos e valores constitutivos de um amplo universo marcado por trocas econômico-sexuais. No entanto, vem de há muito o processo de construção de um olhar sobre a prostituição que a vê destacada de qualquer forma de escolha, vontade, desejo. Situar a prostituição em meio a um processo constituído por uma série de engajamentos entre diferentes atores, em situações e contextos sociais, culturais e econômicos diversos, e não a partir de critérios escamoteadores de fundamentações morais que, por princípio, excluem desse campo o que nele pode haver de positivo, de escolha, de afeto, de lúdico, de político, é o que propomos.